

UNIVERSIDADE POPULAR DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Breve história de um sonho possível

Moacir Gadotti
Instituto Paulo Freire

Foi o sociólogo da Universidade de Coimbra, Boaventura Souza Santos, que propôs, pela primeira vez, a criação da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS), durante a realização da terceira edição do FSM, no final de **janeiro de 2003**, com o objetivo de proporcionar a formação conjunta de ativistas e dirigentes dos movimentos sociais e de cientistas sociais, investigadores e artistas. Mais tarde ele justificou a designação de “universidade popular”, afirmando que estava utilizando essa expressão “não tanto para evocar as universidades operárias que proliferaram na Europa e na América Latina no início do século XX, mas, antes, para transmitir a idéia de que, depois de um século de educação superior elitista, uma universidade popular é necessariamente uma contra-universidade” (Santos, 2005:136). Insistiu que não se trata de repetir aquelas experiências, mas de criar um espaço alternativo e intertemático, respondendo a um déficit teórico conceitual tanto fora quanto dentro do Fórum Social Mundial (FSM).

A idéia de criar essa universidade já havia sido comentada no Fórum Social Europeu, realizado em Florência (Itália), no ano anterior, em 2002, com a finalidade de recuperar e sistematizar os conhecimentos acumulados pelos movimentos sociais no FSM. A proposta da universidade popular foi sendo debatida e enriquecida com a participação de diversas organizações, entre elas, o IBASE, o ICAE (International Council of Adult Education), o Instituto Paulo Freire, a EURALAT (Observatório Eurolatinoamericano de Democracia e Desenvolvimento Social), a Corporación Viva la Ciudadania (Bogotá), o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (CES), o CEAAL (Centro de Educação de Adultos da América Latina), a FECODE (Federação Colombiana de Educadores), o Centro de Estudios y Publicaciones ALFORJA (Costa Rica), o Grupo de Trabalho CIMAS da Universidade Complutense de Madrid, a Corporación Región (Colômbia), o Conselho Internacional do Fórum Social Mundial, o LPP (Laboratório de Políticas Públicas) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a Rede Mova-Brasil, a RAAAB (Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil) e pela Aliança Internacional dos Habitantes. Grandes movimentos sociais, como o Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), no Brasil, aderiram à proposta desde o início.

Essas discussões mostraram a necessidade de ter no FSM, mas não dele, um espaço especial, uma rede de conhecimento ou uma universidade. Para alimentar a discussão, Boaventura de Sousa Santos difundiu um texto com o título “*A Universidade popular dos Movimentos Sociais para formar ativistas e dirigentes dos Movimentos Sociais e ONGs e cientistas sociais, intelectuais e artistas dedicados à transformação social: uma proposta para a discussão*”¹. Nele, Boaventura afirma que o **objetivo** da UPMS seria contribuir para o conhecimento e a construção de uma globalização contra-hegemônica, “o único modo eficaz e emancipatório de enfrentar a globalização neoliberal”.

¹ Duas versões desse texto – a primeira publicada em *Democracia Viva* (Rio de Janeiro, IBASE, no, 14, janeiro 2003, pp. 78-83) e a segunda em setembro de 2003 - circularam e foram debatidas por Pedro Santana (Viva la Ciudadania), Tomás Villasante, Juan Carlos Monedero, Candito Grzybowski e Moema Miranda (IBASE), José Eustáquio Romão, Moacir Gadotti e Salete Valezan Camba (IPF), Jorge Romano (Actionaid) e outros. Vários intelectuais e ativistas já haviam discutido a relação entre conhecimento e práticas sociais, entre eles, Immanuel Wallerstein (EUA), Aníbal Quijano (Peru), D. L. Sheth (Índia), Goran Therborn (Suécia), Hilary Wainright (Reino Unido), Jai Sen (Índia), Irene Leon e Fernando Rosero (Equador), Moema Miranda (Brasil), Antonio Negri (Itália), Pablo Gentili e Emir Sader (Brasil). A UPMS nasceu de uma intensa discussão coletiva.

Uma das grandes e auspiciosas novidades deste início de milênio, tem sido o **movimento histórico-social** provocado pelo surgimento e crescente desenvolvimento de ONGs, associações, entidades, movimentos sociais e populares, lutando pelo respeito a direitos conquistados e por novos direitos, em muitas partes do mundo, particularmente no Brasil. Tradicionalmente o Estado usa a sua racionalidade instrumental visando à rentabilidade e à eficácia burocráticas. Ao contrário, os **movimentos sociais** construíram uma racionalidade comunicativa voltada para as necessidades das pessoas e não para o sistema, criando uma **nova lógica de poder**. Os Fóruns são um exemplo dessa nova lógica de poder e de inclusão. Eles se constituem em movimentos globais orientados por uma nova forma de fazer política. Um Fórum é um *espaço auto-organizado* em rede, estruturado horizontalmente, permitindo o encontro, o diálogo, autonomamente organizado, onde partidos, governos e empresas não são o centro do cenário, mas são convidados a participar, associando-se a uma causa comum.

Quando falamos em movimento social vem logo à mente a idéia dos chamados “setores organizados” da sociedade por lutas específicas: terra, moradia, saúde, cultura, transporte, segurança, educação etc. Mas a grande massa da população não está organizada em movimentos como os tradicionais *sindicatos e partidos*. Ela está organizada na **informalidade** ou em clubes, igrejas, pequenas associações etc. Por isso, precisamos alargar o conceito de “organização social”, de “movimento social”, permitindo a inclusão na interlocução, dessa grande massa de pessoas que, em geral, não têm tido espaços para manifestar o seu saber e a sua voz na fragmentada sociedade em que vivemos.

Precisamos ainda reconhecer que existem muitas **contradições** no seio dos movimentos sociais. No mundo religioso, por exemplo, existem movimentos libertários ao lado de movimentos reacionários. Estar num movimento social não certifica ninguém para a transformação. Frequentemente caímos na armadilha de formalizar, de burocratizar, por demais, o conceito de “organização social”. Paulo Freire insistia muito na incorporação desses setores informais. Hoje estamos mais atentos a essa questão. Não devemos menosprezar organizações não-formais e tratá-las como “desorganizados”.

Os movimentos sociais nos ensinam que o povo, as pessoas, se educam na luta. A luta é pedagógica. Na luta há um “saber de experiência feito” (Freire). Esse saber, essa cultura, nem sempre foram valorizados pelas nossas academias, pelas nossas Universidades, que têm muito a aprender com os movimentos sociais. O saber que vem das lutas. Esse é um grande espaço de aprendizado. Aprendemos sobretudo a radicalizar a democracia, para que seja, de fato, de todos. Os Movimentos Sociais são uma verdadeira universidade emancipadora. Eles propõem, na prática, a superação da dicotomia comunidade-sociedade ou, ainda, educação não-formal e formal.

1. Uma rede de saberes e conhecimentos transformadores

Muitas experiências e iniciativas, já consolidadas, contribuíram com o aperfeiçoamento da proposta da UPMS. Um dos primeiros trabalhos da UPMS foi fazer um **mapa** atualizado de processos que se aproximavam da sua proposta, para não partir do zero. Esse mapeamento permitiu a constituição da UPMS como *rede de conhecimentos transformadores* em múltiplos espaços e lugares, físicos e virtuais, tanto nas práticas presenciais quanto nas práticas não-presenciais. Esse mapeamento incluiu não só experiências de movimentos, mas de redes, organizações não-governamentais, sindicatos e de universidades.

A proposta fortaleceu-se nos debates ocorridos durante o Fórum Social Mundial Temático de Cartagena de Índias (Colômbia), em 2003, e, um ano depois, no FSM de Mumbai (Índia, janeiro de 2004) e também o método de “tradução cultural” como método apropriado para a “ecologia de saberes”, superando vazios existentes na teoria da transformação social. Sustentou-se que a prática do FSM é mais rica do que a reflexão sobre ela. Seria preciso avançar na produção de **conhecimento contra-hegemônico**.

A proposta de uma Universidade Popular dos Movimentos Sociais foi definitivamente consagrada durante a quinta edição do Fórum Social Mundial, no final de janeiro de 2005, em

Porto Alegre. Uma série de painéis e de encontros sobre a proposta demonstraram a sua necessidade e viabilidade. A idéia foi muito bem aceita por numerosos participantes do FSM que desejavam atuar na qualificação, sistematização e produção de conhecimento apropriado ao movimento altermundista. Um primeiro **levantamento** mostrou uma enorme capacidade instalada e uma grande potencialidade de muitas instituições e organizações que podiam contribuir para o processo de construção dessa universidade-rede dos movimentos sociais. Cerca de 50 entidades se dispuseram a apoiar a proposta, em janeiro de 2005, em Porto Alegre. A **educação popular** como concepção de educação foi amplamente aceita como ponto de partida histórico para orientar os **princípios altermundistas** da UPMS. O termo “popular” tem uma longa tradição na esquerda, principalmente na esquerda latino-americana.

Em março de 2005 saiu o primeiro Boletim Eletrônico da UPMS, redigido por Beatriz González Soto, da Corporación Viva la Ciudadania, membro da Secretaria Técnica da UPMS, como “rede de conhecimentos”². Esse Boletim relata a primeira reunião da Secretaria Técnica da UPMS realizada no marco da reunião do CI do FSM em Utrecht (Holanda), nos dias 31 de março a 2 de abril daquele ano, com a presença de Salette Valesan Camba (IPF), Pedro Santana (Viva la Ciudadania), Celita Echer (ICAE) e Giampiero Rasimelli (Euralat).

Dia 17 de junho de 2005 no contexto do Fórum Social Mediterrâneo, realizado em Barcelona, a UPMS organizou um seminário com o tema “Diversidade cultural e diálogos interculturais”, avançando na sua própria concepção de universidade e de rede de conhecimentos e constituindo uma agenda de trabalho para viabilizar a proposta. As diversas intervenções desta atividade, da qual participaram Salette Valezan Camba, Boaventura Souza Santos, Célia Echer, Giampiero Rasimelli, Pedro Santana, Joan Subirats, Cândido Grzybowski, Cláudio Berettini, Moema Miranda, Francesco Florenzano, Norma Fernández, contribuíram para consolidar a metodologia da tradução cultural de formação de ativistas e líderes comunitários dos movimentos sociais e ONGs onde todos aprendem e todos ensinam. Nesse seminário realçou-se a importância da UPMS buscar maior participação dos movimentos e redes que já trabalham com educação popular, incluindo universidades.

A proposta estava amadurecida para que se pensasse na fundação formal da nova universidade. Assim, num seminário realizado no Rio de Janeiro, dia 11 de agosto de 2005, foi elaborada uma proposta que seria apresentada em Roma, dia 15 de setembro de 2005, data em que seria fundada a UPMS³. Nesta data, foi criada a UPMS como “rede global de conhecimento transformador”. Mais tarde foi sendo também utilizada a expressão “conhecimentos transformadores” para realçar a pluralidade de saberes e conhecimentos. Os presentes no ato da fundação – mais de 20 organizações e movimentos sociais – sustentaram que não é possível produzir conhecimento novo com metodologias velhas. Contudo, reconhecer a existência de um “déficit” não significa partir do zero, mas partir do que já existe, partir das culturas dos povos e dos movimentos sociais, num encontro de saberes e de experiências. Por isso, ela deve privilegiar temáticas hoje invisibilizadas e ausentes na cultura dominante em muitos debates acadêmicos e promover uma teoria política da ação transformadora e o conhecimento estratégico

² “**Rede** é uma articulação entre diversas unidades que, através de certas ligações trocam elementos entre si, fortalecendo-se reciprocamente, e que podem se multiplicar em novas unidades, as quais por sua vez, fortalecem todo o conjunto, na medida em que são fortalecidas por ele, permitindo expandir-se em novas unidades, ou manter-se em equilíbrio (Mance, 1999:24). “As **redes de conhecimento** contemporâneas são espaços de reconhecimento híbridos, nos quais pulsam fluxos de informação analógicos e digitais, locais e globais, controlados e autônomos, centralizados e descentralizados, certificados e anônimos” (Schwartz, 2005:3).

³ A UPMS está sendo hoje secretariada pelo ICAE (International Council of Adult Education), com sede em Montevidéu, pelo IBASE (Instituto Betinho), do Rio de Janeiro, pelo Instituto Paulo Freire (São Paulo), pelo CES (Centro de Estudos Sociais) da Universidade de Coimbra e pela Euralat (Observatório Eurolatinoamericano de desenvolvimento democrático e social). Entre os **fundadores** da UPMS estão ainda: a Aliança Internacional dos Habitantes, o CIFOLES (Equador), o Centro de Estudos ALFORJA (Costa Rica), o Conselho Internacional do Fórum Mundial de Educação, a Corporación Región (Medellín), a Corporación Via la Ciudadania (Colômbia), a Federação Colombiana de Educadores (FECODE), o Laboratório de Políticas Públicas (Rio de Janeiro), a RAAAB (Rede de Apoio à Ação Alfabetizadora do Brasil), a Universidade Complutense (Madrid), a Universidade General Sarmiento (Argentina) e a Universidade Popular de Roma.

para a alterglobalização. A **metodologia** deve estar conectada às estratégias. Nesse sentido, o nosso modo de fazer deve ser o que defende a “investigação-ação”, lembrando que reconhecer e sistematizar muitas experiências e processos, implica reconhecer e valorizar a diversidade metodológica. A UPMS não ficará prisioneira de um único método.

O seminário de estudos de **Roma** incluiu diversas sessões com debates sobre os desafios políticos e pedagógicos do projeto da UPMS, o seu quadro teórico metodológico, sua estrutura organizativa e suas propostas de atuação. Dezenas de movimentos sociais, entidades e organizações não-governamentais participaram ativamente, contribuindo para com a estruturação da nova universidade.

Em Roma, no seminário de fundação da UPMS, falou-se da necessidade de utilizar mais o potencial disponível nas universidades públicas, como a Unirtrabalho (Brasil), uma aliança de 80 universidades brasileiras que se propõe desenvolver cooperativas de trabalho. Argumentou-se que a UPMS não pretende esvaziar o papel transformador dessas universidades, mas fortalecê-lo, tornando o público e estatal ainda mais popular. Na ocasião, Jose Luis Coraggio apresentou a experiência da Universidade Nacional General Sarmiento (Argentina) que desenhou um programa para a formação e o encontro horizontal dos agentes. a vinculação da universidade com o meio local, em muitos casos, associado à prestação de serviços. A experiência da Universidade General Sarmiento foi desenhada, desde o início, para estabelecer laços e relações de trabalho com organizações da sociedade e os diversos níveis do estado.

Conforme foi definido na assembléia de sua fundação, a UPMS está organizada como uma rede que aspira a ser global e estruturada através de um campus virtual, tornado possível pelas novas tecnologias de informação e comunicação. As atividades da UPMS têm lugar nas diferentes regiões do mundo consoante as iniciativas dos movimentos e organizações e as necessidades objetivas das atividades especificamente em causa.

Em Roma houve um acordo básico com os enunciados do documento elaborado no Rio de Janeiro, insistindo-se na idéia de “promover ou recriar alianças estratégicas entre os movimentos sociais e o mundo da intelectualidade democrática desejosa de contribuir também para a transformação social”. Sustentou-se que um bom número de intelectuais já era constituído de lideranças de movimentos.

Para cumprir a sua **missão**, a UPMS deverá gerar um espaço de reflexão e construir uma agenda de trabalho para viabilizar propostas de ação global transformadoras, em diálogo entre movimentos. Tanto o seu conceito quanto a sua missão ficaram claras em Roma. A construção dessa rede deve ser um processo que levará tempo. Sua implementação exigirá *escala*, isto é, associação de muitas redes e movimentos, e *logística*, um método de auto-aglutinação, a exemplo do FSM, respeitando a pluralidade, as diferentes iniciativas e conhecimento estratégico. Nada se move sem razões: as pessoas só se movem por suas próprias razões e não pelas razões que vêm de fora ou de cima. O trabalho educativo é fundamental. Há uma teoria político-pedagógica da ação transformadora. O participante, o militante, precisa sentir-se criador de um novo conhecimento e de uma nova prática e não um mero consumidor.

Em Roma se estabeleceu que a **metodologia da UPMS** deveria estar em consonância com a idéia da “auto-aglutinação temática” do FSM, sempre em consulta, diálogo e comunicação com os movimentos sociais. O documento de Roma apontou três **indicações metodológicas**:

1. os *seminários* e *oficinas* da UPMS terão dois momentos, um temático (intra movimentos sociais) e outro inter-temático (inter movimentos sociais);
2. deve promover a *investigação-ação*, todo o tempo, envolvendo também a formação permanente;
3. deve experimentar a *tradução cultural*, elemento chave da epistemologia da proposta da UPMS, como base da difusão.

Falou-se que a metodologia depende de como e onde ela é exercitada, e, portanto, é muito diferente se se trata de encontros presenciais ou virtuais. Estabeleceu-se que o princípio básico é a **pluralidade de métodos**. As questões metodológicas resolvem-se na prática, na vida concreta. Enquanto na Colômbia, se trabalhou muito com o método da “investigação-ação” (Orlando Fals Borda), no Brasil e em muitos países da América Latina, se trabalha mais com o

Método Paulo Freire. Ambos coincidem basicamente com a proposta política da UPMS. Eles são politicamente convergentes.

O que se deve evitar, em todos os casos, são métodos impositivos que propõem relações verticais entre educadores e educandos. Estes não servem para promover o que queremos que é a radicalização da democracia. Um exemplo concreto dessa abordagem não-autoritária é o processo de *sistematização* proposto pela UPMS. No documento de Roma sustenta-se que “a sistematização do conhecimento e das práticas deve ser feita pelos próprios movimentos sociais a partir da interpretação crítica de suas práticas”.

No encontro de Roma definiu-se o **caráter** de rede da UPSM, operando através de um campus virtual e de encontros presenciais nas diferentes regiões do mundo, e também a sua **estrutura** que consiste

1. de uma *Assembléia* composta por representantes de movimentos, organizações e instituições educativas e de produção de conhecimentos que subscrevem a sua carta de princípios.

2. de uma *Secretaria Técnica*, designada pela Assembléia, constituída por um grupo ao menos de cinco organizações com diversidade geográfica e cultural. Sua função será a de organizar, coordenar, acompanhar os trabalhos da UPMS.

3. e de um *Grupo de trabalho metodológico* composto por membros que tenham experiência pedagógica e de trabalho com movimentos sociais, além da experiência de construção de conhecimento. Sua função será a de propor linhas temáticas, pedagógicas e metodológicas das atividades formativas e de pesquisa da UPMS.

O encontro de Roma, transformado em Assembléia de fundação da UPMS, apontou, ainda, a necessidade de uma **Carta de Princípios** da UPMS. Entre outros elementos que deveriam constar dessa Carta, foram apontados os seguintes: rigor, espírito crítico e honestidade intelectual; pluralismo ideológico dentro de um espectro de política democrática; sistema de geração, apropriação e distribuição do conhecimento à disposição da humanidade; equidade de gênero, de raça e respeito à diversidade; busca de alternativas à globalização neoliberal; produção de teoria para a ação transformadora; promoção da transculturalidade, da justiça, da política de paz e da cidadania planetária; apoio aos movimentos sociais respeitando sua autonomia. E ainda: austeridade, paz, não-violência ativa, transculturalidade; racionalidade comunicativa e justiça cognitiva. A Carta de Princípios da UPMS deverá reconhecer a Carta de princípios do FSM, sem repetí-la.

Em Roma, numa reunião da Secretaria Técnica da UPMS, no dia 25 de julho de 2007, circulou uma primeira minuta da **Carta de Princípios**, que ficou para ser discutida, mais tarde, depois de um debate mais amplo. Eis essa proposta, que define bem o caráter da UPMS:

1. A Universidade Popular dos Movimentos Sociais – Rede Global de Saberes – é um espaço de formação intercultural que promove um processo de interconhecimento e auto-educação com o duplo objetivo de aumentar o conhecimento recíproco entre os movimentos e organizações e tornar possíveis coligações entre eles e ações coletivas conjuntas.

2. Constitui um espaço aberto para o aprofundamento da reflexão, o debate democrático de idéias, a formulação de propostas, a troca livre de experiências e a articulação para ações eficazes, de entidades e movimentos sociais locais, nacionais e globais que se opõem ao neoliberalismo e ao domínio do mundo pelo capital e por qualquer forma de imperialismo.

3. O público alvo da UPMS é composto por ativistas e dirigentes dos movimentos sociais, membros de organizações não governamentais, bem como cientistas sociais, investigadores e artistas empenhados na transformação social progressistas.

4. A UPMS funciona através de uma rede de interações orientada para promover o conhecimento e a valorização crítica da enorme diversidade dos saberes e práticas protagonizados pelos diferentes movimentos e organizações.

5. Sua essência está no seu caráter intertemático, forjado através da promoção de reflexões e articulações entre diferentes movimentos como os feministas, operários, indígenas, estudantis, ecológicos etc.

6. Seus objetivos principais são:

a) ultrapassar a distinção entre teoria e prática, promovendo encontros sistemáticos entre os que se dedicam essencialmente à prática da transformação social e os que se dedicam à produção teórica.

b) promover um conhecimento recíproco entre movimentos e organizações que atuam dentro de uma mesma área temática, mas que operam em diferentes partes do mundo.

c) promover, através da tradução intercultural, um saber partilhado entre movimentos ou organizações com intervenção em diferentes áreas temáticas, aumentando a inteligibilidade recíproca entre movimentos.

7. A UPMS será sempre um espaço aberto ao pluralismo e à diversidade de engajamentos e atuações das entidades e movimentos que a decidam integrar, bem como à diversidade de gênero, etnias, cultura, gerações e capacidades física desde que respeitem esta Carta de Princípios.

A UPMS está funcionando hoje por meio de **oficinas** em que participam um número limitado de ativistas e líderes de movimentos e cientistas sociais, intelectuais e artistas. Cada oficina tem dois momentos: temático e intertemático. No **momento temático**, procura-se aprofundar o conhecimento teórico-prático dos movimentos e organizações que trabalham numa dada área de ação, seja ela sindical, indígena, feminista, ecologista, paz, direitos humanos, comércio justo, agricultura camponesa, direitos de propriedade intelectual etc. No **momento intertemático**, procura-se trocar experiências e conhecimentos entre pelo menos dois campos de ação transformadora e os respectivos movimentos e organizações.

Outro tipo de atividade é a **pesquisa-ação**. Para além de ser uma rede de saberes plurais existentes, a UPMS visa a ser uma rede de criação de novos **saberes plurais**, através da pesquisa-ação. À medida que as atividades evoluem, emergem temas e problemas considerados importantes, mas até então poucos conhecidos e compreendidos.

As **atividades para a difusão de competências e instrumentos de tradução** consistem na difusão dos **métodos de tradução** e dos resultados concretos obtidos com eles nas diferentes oficinas, nomeadamente em termos de novos saberes, designações, conceitos, princípios e métodos de ação coletiva. Por exemplo, os conceitos de democracia, cidadania, participação, ação direta, emancipação social, *swaraj*, multiculturalismo, greve, soberania, revolução, *umma*, *dharma*, espiritualidade etc. Alguns são de uso corrente dentro de um determinado âmbito regional ou temático, mas totalmente desconhecidos noutros âmbitos. Alguns são valorizados positivamente por certos movimentos ou organizações, mas rejeitados por outros.

2. A UPMS e o Fórum Social Mundial

O novo e o velho confrontam-se permanentemente no FSM, seja no campo político, seja no campo epistemológico. Sobressai nele, contudo, uma unanimidade em relação à defesa da democracia participativa e à busca de alternativas ao pensamento único neoliberal. A resistência à globalização neoliberal agrega um imenso número de movimentos sociais e de organizações não-governamentais que operam em favor da emancipação social em um contexto novo de articulação, onde as teorias sobre a transformação social disponíveis não oferecem respostas suficientemente adequadas. Esse descompasso entre **teoria** e **prática** é tanto prejudicial à causa desse grande movimento progressista, quanto traz conseqüências negativas para as instâncias onde as teorias são tradicionalmente produzidas, como as universidades. Falamos em “teorias” já que a idéia de uma teoria geral explicativa de tudo e própria do pensamento único, está sendo também posta em questão.

Ninguém tem uma receita teórica universalmente válida para todos, costuma dizer Boaventura Souza Santos. A alternativa à teoria geral, completa ele, é buscar a inteligibilidade recíproca por meio de uma “ecologia de saberes”, por meio de uma “tradução cultural” e por uma nova atitude epistemológica de curiosidade em relação às diferenças. A diversidade não é considerada como uma deficiência mais como uma riqueza. A UPMS pretende colocar no centro o que foi marginalizado, valorizando práticas sociais que são muitas vezes descartadas como irrelevantes.

A proposta da Universidade Popular dos Movimentos Sociais (UPMS) deseja contribuir para superar o desencontro entre teoria e prática, fazendo com que uma e outra emergjam, reciprocamente esclarecidas, de um encontro sistemático entre os que predominantemente se dedicam à prática da transformação social e os que predominantemente se dedicam à produção teórica.

Em que a potencialidade da UPMS pode ser colocada a favor do FSM?

A UPMS, conforme ficou definido no ato de sua fundação, pretende, de um lado, promover a **aprendizagem de ativistas e líderes comunitários** dos movimentos sociais e das organizações que lutam no interior do FSM, fornecendo-lhes quadros analíticos e teóricos que lhes permitam aprofundar a compreensão reflexiva da sua prática – dos seus métodos e dos seus objetivos – de modo a melhorar a sua eficácia e a sua coerência. Por outro lado, a UPMS pretende promover, também, a **aprendizagem de cientistas sociais, intelectuais e artistas** interessados no estudo dos novos processos de transformação social, dando-lhes a possibilidade de um diálogo direto com os seus protagonistas e, assim, identificar e, na medida do possível, eliminar, a discrepância entre os quadros teóricos e analíticos em que foram formados e as necessidades e aspirações concretas das novas práticas transformadoras.

Trata-se de uma aprendizagem de mão dupla, uma aprendizagem recíproca, superando a distinção tradicional entre ensino e aprendizagem que separa os educadores dos educandos. Parte-se da tese freiriana de que “ninguém sabe tudo; ninguém ignora tudo; aprende-se em comunhão”. Há ignorâncias recíprocas que devem ser tomadas como ponto de partida. Contudo, não se trata de uma escola de formação de quadros orientados por uma única formação rígida de militantes políticos, como fizeram certas iniciativas de partidos comunistas. Não se trata de formar dirigentes de organizações ou movimentos sociais. A sua prática já é educativa. A formação pretendida pela UPMS tem uma **dupla direção**: dirige-se, de um lado, à formação de ativistas e lideranças comunitárias, e, de outro, à cientistas sociais e intelectuais interessados nos processos de transformação social, buscando superar ignorâncias recíprocas. É nessa dupla formação que reside a novidade da UPMS, tem insistido Boaventura Souza Santos, não fazendo a distinção convencional entre educador e educando no processo de aprendizagem.

A UPMS busca o encontro sistemático entre cientistas sociais e lideranças dos movimentos sociais para realizar uma ecologia de saberes contra-hegemônicos e construir uma nova cultura política emancipatória. Na UPMS os líderes ativistas “têm a possibilidade de reconstruir teoricamente sua atividade a fim de dar-lhe outro âmbito teórico, analítico, inovador, e por outro lado, que os cientistas sociais, artistas e filósofos também se renovem no contacto com essa realidade” (Santos, 2006:93). A grande riqueza de produção de conhecimentos novos dos movimentos sociais ainda não foi suficientemente conhecida e explorada pelos cientistas sociais.

Costuma-se dizer no FSM que a sua prática é mais rica do que a atual reflexão sobre ela. A UPMS quer enfrentar o desafio de produzir teoria sobre a prática do FSM. Ela representa a emergência de um novo espaço alternativo – público e tanto quanto possível global - de reflexão e ação *no* FSM sem ser *do* FSM, contribuindo para a sistematização das experiências, propostas, iniciativas e perplexidades dos movimentos sociais e organizações no FSM.

Um dos desafios do FSM é o conhecimento recíproco entre movimentos e organizações que participam dentro dele, o que chamamos de “inter-conhecimento” e outro é o próprio “intra-conhecimento”, isto é, o conhecimento dos atores e temáticas no interior mesmo de um movimento, espalhado por diferentes continentes. Essa articulação intra-movimento é ainda insipiente no próprio FSM. A eficácia da ação política desses movimentos depende muito desse conhecimento mútuo, base das articulações em favor de ações globais pretendidas pelo FSM.

O FSM já avançou muito em seus oito anos de existência, mas se nota, ainda, a necessidade de uma maior inteligibilidade recíproca proporcionada por metodologias adequadas e sistemáticas que os poucos dias das realizações das edições do FSM não permitem. A carência desse encontro de saberes e experiências entre movimentos e organizações é ainda maior do que a carência de intra-conhecimento. Há necessidade de produção de metodologias que permitam detectar o que há de comum e de diferente entre os vários temas, movimentos e

práticas para identificar os pontos e modos de articulação, sem perda de identidade e de autonomia de nenhum deles.

O que há de comum e de diferente entre o movimento indígena e o movimento ecológico? O que há de comum e de diferente entre o movimento feminista e sindical? O que há de comum e de diferente entre esses movimentos e os movimentos pela paz e pelos direitos humanos? E há ainda muitos e variados movimentos no campo da educação popular, das artes, da dança, do teatro, da literatura, das artes plásticas etc. Como tornar denso e produtivo o diálogo entre esse novos atores sociais em favor de uma globalização alternativa? Ao lado de seu caráter global, a **intertematicidade** é uma característica fundamental da UPMS.

Com a intertematicidade a UPMS poderá responder positivamente a uma “fraqueza” do FSM e do altermundismo que é, segundo Alain Touraine, não deixar clara a sua concepção de sociedade em função da sua difusa pauta de “reivindicações”: “a fraqueza do altermundialismo, que é tão patente quanto seu sucesso, provém do fato de não chegar a definir claramente em nome de quem, de quais interesses ou de qual concepção de sociedade ele luta, de maneira que se instaura uma certa confusão entre a defesa de certos interesses adquiridos e reivindicações conduzidas efetivamente em nome das categorias mais diretamente dominadas” (Touraine, 2006:37).

A intenção é pensar numa universidade que ainda não existe e cujo modelo irá se constituindo no processo de sua própria construção. O **espírito** libertário, criativo e ousado desta universidade é o que ela deve ter de mais essencial, de mais original. O **foco** nós já temos: a planetarização. A UPMS não seria só “alternativa” ao neoliberalismo, mas seria propositiva e prospectiva, “intertranscultural” (Padilha, 2004; 2007), que combate toda forma de mercantilização, de privatização, de alienação e de desumanização que são os paradigmas do opressor. Precisamos refletir mais sobre o **processo pedagógico** dessa nova universidade. O processo de construção desta universidade deve já manifestar esse novo espírito. Parafraseando John Holloway (2003), não precisamos ser “poderosos” para mudar o mundo. O poder de mudar, o “antipoder”, não está nem no princípio e nem no final, não está no projeto original e nem no objetivo final a ser atingido: o poder está no processo, na travessia. Não se trata de conquistar primeiro, para, depois, mudar.

Não basta repetir a mesma afirmação de que “outro mundo é possível”. É preciso mostrar como. Também não basta afirmar que “um outro mundo é possível sem tomar o poder”. É preciso também mostrar como. Caso contrário estaríamos oferecendo argumentos aos que nos acusam de “possibilismo” ou de “movimentismo”, isto é, conceber o movimento como fim em si mesmo. O movimento não é tudo. Como sustenta Teivo Teivainen, “precisamos de visões concretas do mundo alternativo”, precisamos “formular modelos de instituições democráticas do futuro, transacionais, cosmopolitas e globais” (Teivainen, 2003:115-117). Esses modelos são também importantes “para as políticas desconstrutivas que se confrontam com as redes existentes do poder porque a legitimidade deste último se baseia em parte no discurso de que não existem alternativas. Neste sentido, a desconstrução e a reconstrução são as duas caras da mesma moeda”. (Teivainen, 2003:121-122). Isso é particularmente importante se pensarmos na necessidade de construir uma instituição que seja ao mesmo tempo **democrática e prospectiva**. E ele continua: “Em lugar de esperar uma vanguarda ilustrada conspiradora que num futuro longínquo entre em ação e conduza a todos à prometida democracia mundial, poderia ser mais útil começar a construir alianças entre os diferentes movimentos em todo o mundo que representem distintos pontos de vista neste momento. Isto é, com efeito, o que pelo menos em parte, se está fazendo no Fórum Social Mundial” (Teivainen, 2003:122). Não adianta esperar um “consenso universal”, esperar que todos estejamos de acordo numa “única civilização consensual”. “Em lugar de aspirar a um claro universalismo, deveríamos nos assegurar de que sempre haja espaço para a ambigüidade. Em outras palavras, em meu futuro possível preferido, sempre deveriam existir cenários políticos onde os antagonismos existentes podem desenvolver-se de maneira pacífica, baseando-se em regras comuns. Uma utopia de consenso e de unanimidade implica no fim da política e sem política não pode existir democracia” (Teivainen, 2003:122).

Fiz questão de reproduzir essas passagens do livro de Teivo Teivainen *Pedagogia do poder mundial*, inspirado em Paulo Freire, porque elas ilustram bem o espírito da **rede de conhecimento** que buscaremos construir com a UPMS, no seio de uma sociedade civil global⁴: uma universidade como uma sociedade de redes e movimentos, numa sociedade de múltiplas oportunidades de aprendizagem, intermulticultural, intertranscultural, intertransdisciplinar, combinando causas globais com iniciativas locais. Os Fóruns são iniciativas desse tipo, instituindo novas formas de fazer política (marchas, fóruns, funerais...), próprias das “multidões” (Negri & Hardt, 2004) de desempregados, trabalhadores temporários, moradores de rua, estudantes, imigrantes, mulheres, indígenas, homossexuais, negros, minorias etc. Estas novas multidões, pluralistas, geram um novo imaginário social, mobilizando o desejo de mudar e a crença na capacidade do ser humano de mudar.

As **redes solidárias** reinventaram o poder, privilegiando o espaço de auto-gestão, o encontro, o diálogo, a polifonia de vozes (contra o discurso único), harmonizadas por uma causa comum, o debate e a colaboração, a racionalidade comunicativa. Esse espírito reduz os conflitos provocados pela “luta interna” e o poder hierárquico, comumente presentes nos partidos, nos sindicatos, nos governos, nos parlamentos... O capitalismo também está estruturado em redes. Só que nós temos consciência de que utilizamos as redes e as tecnologias com uma outra lógica, outros valores, outra ética, não a “ética do mercado” mais a “ética universal do ser humano” (Paulo Freire, 1997). A rede pode ser usada tanto para o tráfico de drogas, o fluxo de capitais, o terrorismo, quanto para a solidariedade e a luta altermundista.

Como se vê, não se trata de qualquer rede, mas de redes que se constituem para a emancipação e o empoderamento social, que sejam inclusivas do ponto de vista social e sustentáveis do ponto de vista ambiental. As redes sociais pioneiras foram as que se constituíram em torno da defesa dos direitos humanos e do meio ambiente. Falta ainda fazer um levantamento mais preciso sobre as redes cuja trajetória e características coincidem com os objetivos da UPMS. Apesar de bons estudos, como o de Maria da Glória Gohn (1997; 2008), há ainda carência de teorias explicativas dos novos movimentos sociais. As teorias disponíveis nas universidades de hoje não dão conta de explicar o atual contexto da globalização alternativa. Será preciso investigá-la melhor e propor ações globais e locais (glocais), a partir do conhecimento desse processo alternativo, colocando em pé de igualdade o ativista e o cientista. Há ainda uma ignorância recíproca muito grande.

Um dos maiores desafios do FSM, nos diz um dos fundadores do FSM, Oded Grajew (In: *Folha de S. Paulo*, 5 de janeiro de 2004, p. 3), é o de “apontar caminhos, traçar estratégias e principalmente empreender ações que nos levem a esse novo mundo possível... O sucesso do Fórum Social Mundial dependerá, cada vez mais, de sua capacidade de mudar o mundo”. Faltam respostas e sobram perguntas: como enfrentar a militarização do planeta, a fome, a exclusão social? O FSM não é um “Anti-Davos”, não se define pela negação, mas pela afirmação de outro mundo possível. No mundo que queremos, somos cidadãos e não só produtores e consumidores, construímos comunidades e não apenas mercados. Ao tomar para si essa questão, a UPMS poderá dar uma grande contribuição ao Fórum Social Mundial.

3. Ecologia de saberes e tradução cultural

Para cumprir sua missão, a UPMS precisa estar em constante processo de aprendizagem e de desaprendizagem. Seu **objetivo** é criar e consolidar saberes e práticas que facilitem a construção coletiva e participativa de convergências e novas alianças em favor de ações conjuntas mais eficazes. A metodologia das atividades pedagógicas, de pesquisa-ação ou de disseminação, está sendo construída participativamente, desde a própria criação da UPMS,

⁴ “A consolidação dessa sociedade civil global implica abarcar a **diversidade** e assumir a **pluralidade** sem, contudo, afetar as identidades próprias de seus diferentes atores, logrando desenvolver-se nos níveis nacional, regional e global e articular-se em alianças e redes” (Eduardo Ballón, presidente da Asociación Latinoamericana de Organizaciones de Promoción (ALOP). In: Abong, 2004:29).

assente na identificação e na valorização de saberes marginalizados e no diálogo permanentemente aberto, valorizando a diversidade.

Dia 29 de janeiro de 2006, em Caracas (Venezuela), no contexto da sexta edição (policêntrica) do Fórum Social Mundial, foi realizado um Seminário sobre tradução cultural onde aconteceu um amplo debate sobre os princípios político-metodológicos orientados da UPMS. Na ocasião, Boaventura Souza Santos afirmou que estavam aparecendo diferentes iniciativas no interior do FSM, como a Universidade Popular Urbana, dentro do espírito de sua Carta de Princípios. A UPMS é uma dessas iniciativas que busca construir conhecimentos alternativos, confederando múltiplas e diversas iniciativas e que, para isso, precisa de uma nova metodologia. Ele apresentou a ecologia de saberes e o método da tradução cultural como **alternativa à teoria geral**. Segundo Boaventura Souza Santos (2004:78), “a teoria política da modernidade ocidental, tanto na versão liberal como na marxista, construiu a unidade na ação política a partir da unidade dos agentes (...). A utopia e a epistemologia subjacentes ao FSM colocam-nos nos antípodas dessa teoria. A extraordinária energia de atração e de agregação revelada pelo FSM reside precisamente na recusa da idéia de uma teoria geral (...). O mundo é uma totalidade inesgotável, dado que possuiu muitas totalidades, todas elas parciais. Por conseguinte, não faz sentido tentar apreender o mundo a partir de uma única teoria geral, pois uma tal teoria irá pressupor sempre a monocultura de uma dada totalidade e a homogeneidade das suas partes”.

Como alternativa a uma teoria geral, diante da ampla multiplicidade e variedade das práticas sociais contra-hegemônicas do FSM, Boaventura Souza Santos aposta num “universalismo negativo”, isto é, numa “ecologia de saberes” e no trabalho da **tradução intercultural**, o que Paulo Freire chamava de “diálogo intercultural”, superando o “lado negativo” da diversidade que é a fragmentação e a atomização. “Essa tarefa”, continua ele, “implica um vasto exercício de tradução para expandir a inteligibilidade recíproca sem destruir a identidade dos parceiros da tradução. A finalidade é criar, em todos os movimentos ou ONGs, em todas as práticas ou estratégias, em todos os discursos ou saberes, uma *zona de contato* capaz de os tornar porosos e, portanto, permeáveis a outras ONGs a outras práticas e estratégias, a outros discursos e saberes. O exercício de tradução visa à identificar e reforçar o que é comum na diversidade do impulso contra-hegemônico. Está fora de questão suprimir o que separa. O objetivo é fazer com que a diferença-hospedeira substitua a diferença-fortaleza. Através do trabalho de tradução, a diversidade é celebrada, não como um fator de fragmentação e de isolacionismo, mas como uma condição de partilha e de solidariedade” (Santos, 2004:80-81). A **ecologia de saberes** “consiste na promoção de diálogos entre o saber científico ou humanístico, que a universidade produz, e saberes leigos, populares, tradicionais, urbanos, camponeses, provindos de culturas não ocidentais (indígenas, de origem africana, oriental etc.) que circulam na sociedade” (Santos, 2004a:76).

Boaventura fornece algumas ilustrações de como podemos fazer o trabalho de **tradução** entre saberes e ações. Na “**zona de contato**” dos **saberes** ele toma, por exemplo, a idéia de “dignidade humana”, tal como aparece na cultura ocidental (*direitos humanos*), no hinduísmo (*dharma* = harmonia cósmica) e no islamismo (*umma* = comunidade). O trabalho da tradução irá revelar as limitações e fraquezas recíprocas de cada uma destas concepções da dignidade: “na zona intercultural de contato entre movimentos e organizações que apresentam diferentes concepções de dignidade humana, permite-nos identificar, como fraqueza fundamental da cultura ocidental, o fato de esta dicotomizar, de forma demasiado estrita, o indivíduo e a sociedade, tornando-se assim vulnerável ao individualismo possessivo, ao narcisismo, à alienação e à anomia. Por outro lado, a fraqueza fundamental das culturas hindu e islâmica consiste no fato de nenhuma delas reconhecer que o sofrimento humano tem uma dimensão individual irreduzível, a qual só pode ser adequadamente reconhecida numa sociedade que não esteja hierarquicamente organizada. O reconhecimento da incompletude e da fraqueza recíprocas é uma condição *sine qua non* para um diálogo intercultural. O trabalho de tradução alimenta-se, ao mesmo tempo, da identificação local de incompletudes e fraquezas e da sua inteligibilidade translocal” (Santos, 2004:83). Boaventura insiste na necessidade do trabalho de tradução argumentando que todas

as culturas são incompletas e podem ser enriquecidas pelo diálogo e pelo confronto com outras culturas.

Na “zona de contato” das **práticas** ele destaca o quanto o movimento operário se enriqueceu com o contato com o movimento feminista, o movimento indígena e o movimento negro e o quanto o movimento indígena zapatista se enriqueceu em contato com os movimentos sociais mexicanos, o movimento feminista, o movimento cívico e o movimento operário. “O trabalho de tradução visa a criar inteligibilidade, coerência e articulação num mundo enriquecido pela multiplicidade e diversidade. A tradução não é simplesmente uma técnica (...). A tradução é um trabalho dialógico e político. Tem igualmente uma dimensão emocional, porque pressupõe uma atitude inconformista, por parte do sujeito, em relação aos limites do seu próprio conhecimento ou da sua própria prática e a abertura para ser surpreendido e aprender com o conhecimento e a prática do outro” (Santos, 2004:86).

Para Boaventura Souza Santos, o Fórum Social Mundial é um facilitador de zonas de contato cosmopolitas entre ONGs e movimentos sociais, gerando um novo tipo de cidadania, ampliando a capacidade de saberes e práticas, para um presente e futuro melhores. Um outro mundo possível não está num futuro distante. Está na reinvenção do presente.

A tradução cultural se baseia em diversos **pressupostos**, entre eles: a necessidade de ter a capacidade de produzir ações coletivas globais, nos organizando em rede e respeitando a autonomia dos diferentes grupos; não há uma teoria que pode dar cobertura a toda a nossa diversidade. A tradução cultural é um método que mantém a diversidade, permitindo-nos o intercâmbio e o mútuo enriquecimento. O conceito central da tradução é a “ecologia de saberes”. A tradução consiste basicamente em capitalizar o que o FSM já está construindo de interconhecimento. Nos conhecemos, porém não nos reconhecemos. Falta o interreconhecimento.

Na experiência concreta de utilização do método de tradução nas oficinas e seminários, Boaventura Souza Santos recomenda que cada participante do grupo possa usar um tempo para expor brevemente sua visão sobre quatro temas:

1. Como vê o mundo, como o nomeia, como o imagina.
2. Descrever uma ação que realizou com êxito.
3. Descrever uma ação que fracassou e porque.
4. Descrever como vê o futuro do mundo.

O grupo é “coordenado” por um “facilitador” que, depois da apresentação de todos (ele recomenda que o grupo seja formado em torno de 20 participantes) inicia-se o debate (há uma incrível semelhança com o “círculo de cultura” de Paulo Freire que chama o facilitador de coordenador). Essa técnica facilita o interreconhecimento. No encontro de Caracas (29 de janeiro de 2006), perguntado se o seu método de “interreconhecimento” nos levaria simplesmente à constatação de que existem diversas propostas e que cairia no “relativismo total”, Boaventura respondeu que as diferenças devem ser respeitadas se desejamos trabalhar coletivamente, mas que o método não exclui o trabalho de sedução. E concluiu: “eu não falo que haja um papel específico do tradutor; todos são tradutores”.

O método da tradução cultural é totalmente oposto à tradução literária onde há um tradutor e um texto traduzido. Aqui a tradução é recíproca. Para Paulo Freire o papel do coordenador do Círculo de Cultura era atuar como “animador cultural”. Nisso ele é mais diretivo do que o método da tradução cultural. Neste momento, alguém insistiu com Boaventura: “sem deixar claro qual era o papel do facilitador ou comentador, a UPMS pode cair no relativismo”. Boaventura voltou ao tema dizendo que a UPMS deveria utilizar o método da “auto-aglutinação” empregado pelo FSM desde a quinta edição (2005). Ele se dizia preocupado com o poder que o facilitador teria como “coordenador” pois estabeleceria uma “assimetria” com o grupo já que ele teria um poder, na medida em que dominaria já o conhecimento do que seria tratado, isto é, “teria uma clareza política ou conceitual e maior capacidade argumentativa” o que, segundo ele, representaria um risco para o verdadeiro diálogo de saberes. Essa questão não foi ainda suficientemente explorada nos seminários da UPMS. Essa é uma boa pista para o aprofundamento prático do método da tradução cultural.

De toda maneira, sabemos que não se trata de traduzir palavras mas, sim, de traduzir significados. Pensamento e linguagem nascem juntos. São indissociáveis. Por isso, o primeiro grande **obstáculo da tradução** é a própria língua. Mesmo que usemos a mesma língua, diferentes culturas têm inteligibilidade diferente dos mesmos fenômenos. Por isso, a tradução é sempre relativa, limitada e o que se busca, além de uma inteligibilidade comum em construção, é um sentido comum emancipatório, com base numa “sociologia das ausências” e das “emergências”, mesmo sabendo que todas as práticas, saberes e experiências, serão sempre parciais. Boaventura é enfático na defesa da tese da impossibilidade de uma teoria geral que poderia dar conta do conjunto da experiência social. A inteligibilidade desse conjunto necessita da convergência de diferentes olhares. O objetivo do trabalho de tradução é a emancipação social.

E não basta traduzir as diferenças. É preciso traduzir para transformar e para transformar-se. As culturas também podem enriquecer-se e aprender com outras culturas. Não se trata apenas de “preservá-las” como a natureza. Reconhecer o outro é mudá-lo. A direita também fala em “diálogo de culturas”. Mas ela propõe um diálogo impossível entre desiguais. Diálogo pressupõe igualdade de condições e reciprocidade. Criar e respeitar jardins identitários não é dialogar. É segregar. Devemos sair dos guetos. Criar um universo comum que é a **cidadania planetária**. Não basta entender o outro. Um diálogo verdadeiro é confrontacional: ele pressupõe um projeto de sociedade e de vida, um projeto de poder, o poder como um processo, um novo poder, um poder reinventado, um poder que reduza a distância entre o governado e o governante até só existirem governantes, até a “extinção do estado”, como sustentava Marx.

A tradução não pode ser algo estático, apenas uma constatação do que existe. A tradução deve ser qualificada. Por isso é chamada de “cultural” ou “intercultural”. Quando existe uma base de confiança entre diferentes, um se deixa contaminar (ressonância) pelo outro, cria-se um campo de inteligibilidade recíproca e de comunhão de propósitos, bases da ação comum transformadora. O que eu penso pode ser traduzido pelo diferente desde que exista, entre nós, cumplicidade recíproca, não só respeito um pelo outro. O fim da tradução não é chegar a um universal comum, a uma única teoria, mas à produção de uma ação global⁵ transformadora comum. Criar inteligibilidade sem destruir o que temos de diferente e o que nos une. A linguagem não pode nos separar. A tradução é justamente uma metodologia que faz com que possamos manter nossas diferenças sem nos separar. Manter nossa **pluralidade**. A pluralidade enriquece nossas lutas: nossas lutas podem ser aprofundadas de diferentes perspectivas (multi-identidades, múltiplos lugares).

A UPMS está se construindo como uma rede que democratiza os saberes, contra o controle global dos saberes promovida pelo neoliberalismo. Os movimentos já estão dialogando entre si no FSM, deixando de lado o velho corporativismo. Mas, se essa interculturalidade se dá no nível das lideranças, essa mesma interculturalidade não chegou na base dos movimentos, na base da sociedade. Para isso é preciso um trabalho de formação cultural, de educação popular. O diálogo deve ser entre os movimentos sociais, entre os militantes da base, e não só entre os lideranças sociais.

4. Uma questão de método

No seminário de Caracas (29 de janeiro de 2006) Boaventura Souza Santos apresentou a tradução cultural como uma nova metodologia que “vai além da metodologia de Paulo Freire, que fez avanços muito importantes neste terreno, porém, que também apresenta limitações que deveríamos trabalhar”.

Sobre esse tema gostaria de fazer algumas considerações continuando um debate que tive com ele, em janeiro de 2007, no FSM de Nairóbi.

⁵ . **Ação global** é uma ação que catalisa, para a qual convergem muitas ações de movimentos. Ações globais tocam questões globais, desafios globais, como a pobreza, a crise ecológica, social, o desemprego, a fome, o analfabetismo, a saúde, o lixo, a água etc. Ações globais combinam-se, necessariamente, com *iniciativas locais*, mesmo porque as políticas globais têm conseqüências no nível local e no nível das pessoas.

Como aproximar o método Paulo Freire do método da tradução cultural de Boaventura?

Em Nairóbi tentei mostrar como, de fato, a tradução cultural reinventa a metodologia de Freire sem se contrapor a ela. Boaventura estava certo. Mas, para demonstrar essa tese, será preciso falar um pouco da questão do método.

A questão do método, como dizia Jean-Paul Sartre (1973), é a questão central da filosofia. **Teoria e método** são inseparáveis. O método da tradução cultural que possibilita o diálogo entre povos, saberes e culturas, é inseparável de uma certa visão de mundo. O método da Universidade Popular dos Movimentos Sociais não pode contradizer a sua missão. Ele é muito apropriado hoje, também porque vivemos numa sociedade de redes e de movimentos. É uma metodologia do intercâmbio, do inter-conhecimento e do inter-reconhecimento. Por outro lado, não podemos também pensar a metodologia de Paulo Freire separada de seu contexto. Nisso ele foi explícito quando em livro *Pedagogia da esperança*, publicado em 1992, faz um reencontro com a *Pedagogia do oprimido* explicando todo o contexto de “efervescência latino-americana” (p. 45) no qual enraizou suas idéias. Não se pode pensar Paulo Freire separado desse contexto histórico das utopias de transformação descolonizadora dos anos 60. Sua concepção da educação popular está fortemente influenciada pelas lutas de libertação dos anos 50, 60 e 70.

Não se pode entender a metodologia de Freire sem entender sua teoria do conhecimento e a sua antropologia. É a partir da compreensão do ser humano como um ser inconcluso, inacabado e incompleto, como um ser da práxis, que Paulo Freire elabora a sua teoria do conhecimento e o seu método. Precisamos da pedagogia do diálogo para buscar a superação, em processo, da nossa inconclusão, inacabamento e incompletude. Precisamos compartilhar o que sabemos numa atitude epistemológica, sempre vigilante, de curiosidade. Curiosidade que não é estática, de puro conhecimento da realidade, porque ao ler o mundo, buscamos transformá-lo. Para o oprimido libertar-se, é fundamental conquistar o direito de dizer a sua palavra. Quando os conquistadores impuseram a sua língua aos nossos indígenas – o que Freire chamava de “invasão cultural – estavam negando a eles não só o direito à palavra, mas impunham uma cultura do silêncio, colonizando suas mentes, proibindo-os de “ser mais”.

Por isso, a primeira etapa do método de Paulo Freire é a investigação cultural, o que o povo sabe. Não separa educação de cultura. Ele propõe um “círculo de cultura” e não um “círculo de educação”. Paulo Freire (1992:131) lembra na sua *Pedagogia do oprimido*, que, no início, ele chamava de “círculo de investigação temática”, não separando o estudo da pesquisa. E Boaventura, com sua metodologia, continua nessa mesma tradição pedagógica. O trabalho de tradução cultural se aproxima do que Paulo chamava de “decodificação cultural” feita pelos próprios participantes dos círculos, com a ajuda de um coordenador problematizador. Essa leitura do mundo por meio da leitura da palavra, corporificava-se na práxis, na ação transformadora.

Boaventura conseguiu avançar num ponto central do método de Freire, explicitando o que Paulo Freire não havia, em seu momento, explicitado, que é a intertematicidade⁶. O método Paulo Freire, com a contribuição de Boaventura, ganha uma nova dimensão. Além de “temas geradores” devemos falar da “inter-temas geradores” tanto para conhecer melhor o que temos em comum quanto o que nos diferencia, para sair de nossos guetos e instaurar o diálogo.

Creio que uma das novidades da metodologia da tradução cultural é partir da convicção de que os processos de ensino-aprendizagem e de transformação sociais se fundamentam na vivência ou na experiência de cada um e de cada grupo, articulando diferentes saberes e diferentes formas de vivenciar e de expressar, sejam elas artísticas, cognitivas, afetivas ou corporais.

O método da tradução cultural é uma das metodologias da UPMS, mas não é a única. Se teoria e método são inseparáveis, não podemos combater o pensamento único por meio de uma única metodologia. A tradução cultural não pode ser a única metodologia apropriada a todos os

⁶ . Não que Freire não tenha percebido a importância da intertematicidade, mas ele não colocou o foco do seu método na intertematicidade, uma problemática que surgiu depois e que ele incorporou, mais tarde, sobretudo na política educacional implementada quando foi Secretário de Educação do Município de São Paulo (1989-1991), como mostra Carlos Alberto Torres (2002).

processos e programas da UPMS. A tradução é uma metodologia muito apropriada para a criação de inteligibilidade e intercâmbio recíprocos entre movimentos, intra-movimentos e entre intelectuais e líderes sociais. Mas existem metodologias mais apropriadas para a sistematização de experiências, por exemplo, como sustentou Oscar Jara no seminário de Roma. Ele falou do método “investigação-ação” de Orlando Fals Borda e do método de educação de adultos de Paulo Freire. A diversidade cultural existente no planeta nos obriga a inventar também metodologias diversas e mais eficazes na apropriação e sistematização dessa riqueza. A **pluralidade metodológica** da UPMS não é uma fraqueza epistemológica, mas, pelo contrário, uma demonstração de sua riqueza, de respeito aos diferentes processos e projetos, bem como de combate ao pensamento único também na teoria do conhecimento. Não existe uma metodologia capaz de dar conta de todos os processos de construção do conhecimento contra-hegemônico.

Falemos um pouco mais do **Círculo de cultura** de Paulo Freire.

Já dissemos que é muito próximo do método da tradução cultural. É o próprio Paulo Freire que nos fala do contexto em que surgiu esse conceito: “de acordo com as teses centrais que vimos desenvolvendo, pereceu-nos fundamental fazermos algumas superações, na inexperiência que iniciávamos. Assim em lugar de escola, que nos parece um conceito, entre nós, demasiado carregado de passividade, em face da nossa própria formação (mesmo quando lhe dá o atributo de ativa), contradizendo a dinâmica fase de transição, lançamos o *Círculo de Cultura*. Em lugar de professor, com tradições fortemente “doadoras”, o *Coordenador de Debates*. Em lugar de aula discursiva, o *diálogo*. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o *participante de grupo*. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, “reduzida”, “codificada” em unidades de aprendizado” (Freire: 1967:103).

A vantagem do círculo de cultura é que ele não se limita a uma metodologia ou técnica. Ele conjuga técnicas consolidadas de coleta de dados de forma dinâmica, dialógica e intercultural e apropria-se de instrumentos e procedimentos adotados tanto no estudo quanto na pesquisa, principalmente na pesquisa-ação e na pesquisa-participante. A codificação e a decodificação dos temas geradores permite o posicionamento do grupo, a manifestação do ponto de vista de cada participante do círculo a partir de sua situação existencial. O diálogo facilita a organização do pensamento e o crescimento intelectual e político do grupo e de cada participante. O método do círculo de cultura não é apropriado apenas à educação de adultos. A filosofia que o embasa pode ser adequada a qualquer nível de ensino-aprendizagem, de ação-reflexão, intervenção ou de pesquisa.

Não é de hoje que a questão do método ocupa dos debates filosóficos. Esse tema também foi tratado por Marx quando discute a questão do “método de investigação” que precede o “método de exposição”. Só depois de concluído o trabalho é que Marx pôde evidenciar esses princípios e categorias e mostrar o caminho (método) que ele percorreu, pôde anunciar, manifestar, o seu método. Aliás, na primeira edição alemã (1867) de *O capital* ele não fala do método, do tratamento que iria dar ao tema do processo de produção do capital. Apenas no posfácio da segunda edição alemã (1873), depois de ter sido chamado por alguns críticos de o “maior filósofo idealista”, é que ele apresenta sucintamente os fundamentos dialéticos do seu método: “é mister”, diz ele, “sem dúvida, distinguir, formalmente, o método de exposição do método de pesquisa. A investigação tem de apoderar-se da matéria, em seus pormenores, de analisar suas diferentes formas de desenvolvimento, e de perquirir a conexão que há entre elas. Só depois de concluído o trabalho, é que se pode descrever, adequadamente, o movimento real. Se isto se consegue, ficará espelhada, no plano ideal, a vida da realidade pesquisada, o que pode dar a impressão de uma construção *a priori*” (MARX, 1980, v. 1: 16).

Marx distingue formalmente método de exposição de método de pesquisa. A exposição é consequência de uma pesquisa anterior das formas de desenvolvimento e das conexões existentes entre elas. Por *método de pesquisa* Marx entende uma apropriação em pormenor da realidade estudada: é análise que colocará em evidência as relações internas, cada elemento em si. Cada objeto de análise requer uma maneira específica de abordagem determinada pelo próprio objeto. Por *método de exposição*, Marx entende a reconstituição, a síntese do objeto ou

fenômeno estudado, como um processo inverso, oposto ao primeiro, de tal forma que o leitor imagina que o autor ou autores o construiu *a priori*. Na exposição o objeto revela-se gradativamente, segundo suas próprias peculiaridades.

Esse procedimento é comum tanto para a tradução cultural quanto para o método da “ação-reflexão-ação” de Paulo Freire.

Em João Pessoa (Paraíba), no dia 22 de fevereiro de 2008, Boaventura participou de uma Conferência Internacional sobre as “Novas Perspectivas da Sociologia da Educação” na qual ele falou sobre um “novo paradigma para a educação popular” e apresentou os conceitos de “ecologia de saberes” e “tradução intercultural” como os dois conceitos-chaves desse novo paradigma. A UPMS adotando como metodologia esses dois conceitos estaria sustentando esse novo paradigma da educação popular.

Ele afirmou que algumas teorias críticas sabem bem o que não queremos, mas nada respondem sobre o que queremos, o que precisamos saber e o que precisamos fazer. Por isso, quando colocamos novas perguntas, quando colocamos questões práticas, essas teorias reagem de forma não teórica e “perdem a compostura”. São arrogantes. Há necessidade de uma abertura para a ecologia dos saberes, porque, disse ele, os “saberes são infinitos enquanto o pensamento é finito, inacabado, limitado”, e, por outro lado, necessitamos da tradução cultural, já que são saberes diferentes. Mas, é claro, precisamos de uma tradução que não absorva identidades, que não colonize o pensamento, mas que o liberte, apostando num mundo melhor, num mundo de bem viver. E conclui afirmando que avançamos conceitualmente, mas avançamos pouco praticamente. Na prática precisamos assumir riscos que não se assumem na reflexão teórica. É mais fácil construir um referencial do que uma proposta de intervenção real.

Aprendi muito, nesse dia, com a fala dele, retomando autores silenciados pela historiografia dominante como Luciano de Samósata, Nicolau de Cusa e outros. Boaventura foi muito incisivo, lembrando Pascal, ao afirmar que precisamos “apostar num outro mundo possível”: “os oprimidos”, disse ele, “não têm outra aposta”. Mas precisamos saber melhor o que queremos, pois, hoje, sabemos muito mais o que não queremos. A esse conhecimento, todos nós sabemos, ele vem dando uma contribuição inestimável. Todos devemos muito à sua reflexão crítica e propositiva.

Nesse sentido, creio que é bom que aprofundemos a contribuição que ele tem dado à reinvenção de Freire. O método da tradução me parece algo novo e muito próximo do método de Freire. Não há repetição, é claro. A questão é como produzimos novos conhecimentos pelo método da tradução e pelo círculo de cultura. O círculo de cultura não é apenas um método de ensino; é de ensino, pesquisa e aprendizagem coletiva. É um **círculo epistemológico**. Cito Paulo Freire (1985:41): “a única maneira que alguém tem de aplicar, no seu contexto, alguma das proposições que fiz é exatamente refazer-me, quer dizer, não seguir-me. Para seguir-me, o fundamental é não me seguir”. Não preciso dizer mais nada: é o que estamos fazendo também no Instituto Paulo Freire. Não estamos repetindo Freire como seguidores de idéias. Não tem nada a ver com a nossa tradição da educação popular que sempre foi muito ousada. O que nos preocupa é justamente essa repetição enfadonha, mecânica e a-crítica de Freire. Paulo Freire não se reconheceria em muitas práticas que se dizem “freirianas”. Isso nos preocupa.

Para nós é importante abrir um grande debate sobre o que alguns chamam de “pós-Freire”. Temos todo o interesse nesse debate. Houve momentos em que alguns estranharam a fala de Boaventura em Caracas. Não houve tempo para aprofundar as diferenças e ficou a impressão de que a contribuição de Freire havia se esgotado. Creio que foi um pouco por isso que alguns, na América Latina, não se interessaram tanto, inicialmente, pela proposta da UPMS. A tradição freiriana, na América Latina, está muito inserida nos movimentos sociais. Precisamos aproximar o método da tradução cultural da UPMS dessa tradição. Algo que poderia ser chamado de “círculo da tradução cultural” (círculo de cultura *mais* método da tradução cultural).

Assim como, para entender Freire é preciso entender o tempo em que ele viveu, para entender a proposta de Boaventura Souza Santos é necessário entender o seu tempo e a sua formação. Boaventura dirige o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Nos anos 70 ele morou em favelas do Rio de Janeiro para realizar pesquisa para a sua tese de

doutoramento defendida na Universidade de Yale, nos Estados Unidos. Defensor dos modelos participativos de democracia, ele mostrou seus conhecimentos do direito e suas posições sobre a justiça num livro recente *Para uma revolução democrática da justiça* (Cortez, 2007), onde ele defende uma “advocacia popular”, “as assessorias jurídicas universitárias populares” e a “capacitação jurídica de líderes comunitários”, na linha da missão da Universidade Popular dos Movimentos Sociais. Para ele as assessorias jurídicas universitárias vêm crescendo: “a participação dos estudantes de Direito em tais projetos favorece a aproximação a espaços muitas vezes ignorados e que servirão de 'gatilhos pedagógicos' para uma formação mais sensível aos problemas sociais, o que nem mesmo a leitura de um ótimo texto descritivo de tal realidade poderia proporcionar” (p. 51).

Em seu livro *A crítica da razão indolente* (Santos, 2000) ele investe contra o “desperdício da experiência” praticado pela racionalidade moderna, “que se considera única, exclusiva, e que não se exercita o suficiente no olhar da riqueza inesgotável do mundo”. Diz ele em outra obra, *Renovar la teoría crítica y reinventar la emancipación social* (Santos, 2006:20): “penso que o mundo tem uma diversidade epistemológica inesgotável, e nossas categorias são muito reducionistas”. A racionalidade moderna é excludente, já que sustenta que o único saber rigoroso é o saber científico e que outros conhecimentos não têm validade e nem rigor. E não se trata de desacreditar o saber científico e as ciências e nem de ser contra elas. Trata-se, segundo Boaventura Sousa Santos (2006:26) “de fazer uso contra-hegemônico da ciência hegemônica” e lutar contra as monoculturas que sustentam que o saber científico é o único válido e que não existem outros saberes.

O método da tradução cultural não pode ser separado desse contexto mais amplo da produção de Boaventura Souza Santos e nem pode ser compreendido fora dele.

Para Boaventura, todo conhecimento é social e há muitas formas de conhecimento negligenciadas (injustiça cognitiva) que é preciso visibilizar (“sociologia das ausências”) e revalorizar. Mesmo no interior de uma escola e de uma sociedade “reguladora” é possível vivenciar práticas “emancipadoras”, práticas sociais contra-hegemônicas, e investigar as alternativas, como possibilidades concretas de um outro futuro (“sociologia das emergências”), aquilo que ele chama de “ainda-não”, proposto por Ernst Bloch. Ele defende uma pedagogia radicalmente democrática, que forma “subjetividades inconformistas”, rebeldes, no interior de um projeto educativo emancipador. É assim que ele vê o papel de uma educação para a esperança, para um outro mundo possível. A democratização da educação não se confunde com a democratização do acesso a determinados saberes “universais”, mas o acesso a uma pluralidade de conhecimentos: “a educação para o inconformismo tem de ser ela própria inconformista. A aprendizagem da conflitualidade dos conhecimentos tem de ser ela própria conflitual. Por isso, a sala de aula tem de transformar-se ela própria em campo de possibilidades de conhecimento dentro do qual há que se optar” (Santos, 1996:18).

O método da tradução cultural, como os círculos epistemológicos de cultura de Freire, baseia-se na narração das histórias de vida (individuais e coletivas) dos participantes, a partir da qual se estabelece um diálogo. Como em Paulo Freire, parte-se do conhecimento já conhecido dos participantes. A tradução cultural acaba sendo feita em círculos de cultura. A estrutura do círculo de cultura acaba sendo muito apropriada ao método da tradução e ao seu objetivo que é atender à necessidade que os movimentos sociais têm de sistematizarem os saberes já construídos. Sem a sistematização suas lutas podem tornar-se mais débeis. Mas, essa sistematização precisa ser feita pelos próprios movimentos e não pelo coordenador ou facilitador do *taller*, do grupo ou do círculo de cultura. Os movimentos sociais foram teorizados pelos acadêmicos que vão para os movimentos, mas os movimentos não vão para a universidade. Eles precisam criar um espaço próprio, num trabalho de tradução que é ao mesmo tempo intermovimento e intramovimento.

É nesse processo, em diferentes práticas, seminários, projetos, *talleres*, com diferentes contribuições, que a UPMS vai sistematizando seus instrumentos teóricos, aplicando a si mesma o seu próprio método. Um trabalho basicamente narrativo e argumentativo, mas também político-pedagógico. É preciso que esteja claro, desde o início, quais são os objetivos a serem atingidos,

e como (método), pretendemos chegar lá. O método não é auto-explicativo. Muitas vezes, por falta desta clareza, acabamos frustrando os participantes e caindo no espontaneísmo que favorece o ponto de vista dos que estão mais acostumados a lidar com grupos que são os intelectuais.

Segundo o relatório Beatriz González Soto e Alexis V. Pinilla Diaz, o resultado mais concreto daquele *taller* foi a definição das **fases da tradução cultural**. Na verdade são passos metodológicos:

1. Geração de *confianza mútua*, para colocar em comum diferentes experiências e projetos e para a criação de agendas comuns, de projetos políticos emancipadores.

2. *Re-conhecimento* de si mesmo. A confiança instalada faz com que o outro me reconheça como tal e eu me reconheça no outro. Nesta fase se reconstrói a memória histórica do movimento.

3. Identificação de *zonas gramaticais comuns* e de diferenças de saberes.

4. Identificação de *zonas políticas comuns* e de diferenças de organização em relação com a identidade, em torno da territorialidade dos movimentos e organizações (que podem conduzir a mapas culturais e políticos de resistência) e em torno da cultura e da política (negociação política, conflito, negociação democrática).

5. *Pesquisa* do que está ausente e emergente (sociologia das ausências e sociologia das emergências).

No trabalho de “ecologias de saberes”, cada organização ou movimento apresenta suas lutas, seus programas e coloca em comum para ver similitudes e diferenças, complementaridades, diversidades, numa construção coletiva. O conhecimento acadêmico não é desprezado, mas valorizado no mesmo pé de igualdade como o conhecimento não acadêmico (justiça cognitiva, democracia cognitiva). Não se trata de informar, de lançar comunicados, mas de narrar, de comunicar-se. Diálogo de saberes. Respeitar e valorizar o saber do outro. A narrativa precisa ser qualificada, sistematizada, espontânea, sem ser espontaneísta. A tradução é um trabalho científico, sistemático, progressivo, de elaboração teórica, de pesquisa, de reflexão, de entendimento cultural, lingüístico, histórico social e político. Não é apenas uma vivência cultural.

Vejo no Círculo de Cultura de Paulo Freire e no método da tradução cultural de Boaventura Souza Santos uma enorme identidade ideológica e complementaridade epistemológica. Nos dias 29 e 30 setembro de 2007, a UPMS realizou em Bogotá, um *Taller de traducción cultural*. Participaram líderes e ativistas de diversos movimentos e organizações sociais: CUT, ASCOBA, CINEP, Comunidade de Paz, ENS (Escola Nacional Sindical), Rota Pacífica de Mulheres, AMOR (Associação de Mulheres do Oriente Antioquino), Cabildo Indígena Chibcariwak, CONFIAR, Corporación Región, Universidade de San Gil). O *Taller* foi facilitado por Boaventura Souza Santos e Antonio Madariaga, de Vila la Ciudadania (Bogotá). Li as atas e notas de Beatriz González Soto e Alexis V. Pinilla Diaz, intituladas “Traducción cultural: apuestas metodológicas de la UPMS – elementos del metodo de traducción cultural” e posso dizer que fiquei ainda mais convencido da proximidade e complementaridade que vejo entre Freire e Boaventura.

5. Um programa aberto e em construção

Desde já precisamos de um programa de lutas e de uma pedagogia como prática da aprendizagem mútua, contra uma pedagogia bancária, dos que sabem sobre os que não sabem. Compartilhar conhecimentos e experiências é fundamental. Para formar o educador/intelectual cosmopolita, precisamos de uma **pedagogia cosmopolita**. A UPMS incentiva e promove o encontro da ciência, da política, da arte, da teoria e da prática, na perspectiva transformadora e libertadora, colocando inúmeros “contra-especialitas”⁷ como faz o “Observatório da Cidadania

⁷ Termo originalmente utilizado por Dorothy Nelkin (1981), designa os cientistas ou especialistas que passaram a assessorar os movimentos comunitários e grupos de cidadãos dos Estados Unidos. São pessoas que detêm algum tipo de conhecimento técnico ou especializado que os habilita a coletar e analisar informação de

(*Social Watch*), por exemplo, à disposição dos ativistas dos Movimentos Sociais, para construir fundamentos de suas decisões conjuntamente.

Assim, vamos construindo uma universidade sem fronteiras, intertransdisciplinar, intertranscultural, uma universidade transversal, sem cercas e poder acadêmico. Ao contrário da merco-universidade, de uma educação submetida à lógica do mercado, que cria empresas que fornecem professores, currículos, avaliam e certificam, a UPMS ocupa-se do conhecimento cidadão, da democracia e da solidariedade, questões excluídas do projeto mercantil das indústrias do conhecimento. A UPMS está onde estão os movimentos sociais e suas múltiplas manifestações⁸. Lá é seu lugar.

Dia 25 de julho de 2007, numa reunião da Secretaria Técnica da UPMS, em Roma, foi retomada a questão do método (ou dos métodos) da UPMS, o formato dos seminários e de outras iniciativas e o funcionamento da Secretaria Técnica. Neste seminário foi consensuado que o método da tradução cultural não seria algo considerado como já “inventado” e que bastaria colocar em prática. Ele seria construído processualmente. É o que está acontecendo agora com o projeto *People's Dialogue*. Foram apontados os métodos utilizados pelos educadores populares latino-americanos - como o método “investigación-acción” (Orlando Fals Borda) “pesquisa participante” (Carlos Rodrigues Brandão) e o Método Paulo Freire – para enriquecer a caminhada metodológica da UPMS. Não devemos desperdiçar o acúmulo de experiências já realizadas.

O site da UPMS (www.universidadepopular.org) apresenta 5 “iniciativas de sucesso” já associadas ao processo de construção do seu programa: Escola Nacional Florentan Fernandes (Brasil); Universidad Campesina San José de Apartadó (Colômbia); Universidad Popular Madres de la Plaza de Mayo (Argentina); Università Popolare di Roma; Urban Popular University.

Assim, a UPMS vai avançando. Inserindo-se na luta por outro mundo possível, dentro de sua especificidade. Como espaço aberto e em construção, ela depende muito da militância daqueles e daquelas que a ela se associaram. Nesse sentido, gostaria de destacar, desde já, **três realizações** importantes, entre outras, que mostrar esse processo de construção da UPMS.

1. **Diálogo entre Povos.** Trata-se de uma articulação que se iniciou entre organizações populares de países do SADC (Southern African Development Community) e do MERCOSUL (Mercado Comum do Cone Sul), com vistas à ampliar o diálogo Sul-Sul. Organizações populares dessas duas regiões, estão buscando juntas, pelo diálogo entre povos, alternativas inter-regionais (Sul-Sul) à globalização capitalista, a exemplo de outras regiões (Ásia, América Central e Caribe), trocando informações, compartilhando experiências, explorando possibilidades e estratégias comuns de alternativas regionais de desenvolvimento. O programa *People's Dialogue* objetiva também investigar e promover as possibilidades para a construção de estratégias que envolvam os governos destas regiões e, por meio de iniciativas populares, visando à mudança do sistema econômico dominante na região.

Segundo o projeto, as oficinas do “Diálogo entre Povos – People's Dialogue” visam a “aprofundar a compreensão coletiva sobre os desafios relativos aos processos de integração alternativos”, ampliando “a possibilidade de conhecimento mútuo e de diálogo das diferentes iniciativas e lutas dos povos e movimentos sociais”, particularmente entre África e América Latina. A construção desse projeto está se dando “com base no estabelecimento de uma visão comum sobre o processo e acerca da realidade em que nos inserimos enquanto movimentos

interesse público, que se colocam à disposição dessas redes para organizar informações que, geralmente, não são oferecidas por especialistas do *establishment*. O trabalho realizado por eles possibilita um confronto de conhecimentos construídos sob referências de mundos diferentes e cuja legitimação depende mais de escolhas políticas e/ou econômicas do que técnicas ou científicas. O “discurso único” dos especialistas do *establishment* se vê confrontado com o dos “contra-especialistas”.

⁸ . A UPMS realizou, em Arequipa, no Peru, nos dias 15 e 16 de junho de 2007, um seminário, relembrando os cinco anos das manifestações de Arequipa contra a desnacionalização promovida pelo governo de Alejandro Toledo e que o obrigou a suspender a privatização de importantes empresas estatais. O chamado “arequipazo” foi considerado como a primeira expressão de um movimento popular urbano que depois tomou conta de outras cidades. 20 representantes de organizações sociais puderam construir uma leitura coletiva dessa importante mobilização social e suas conseqüências nos processos de organização social daquela cidade, uma das funções da UPMS.

sociais e entidades da sociedade civil”. *People’s Dialogue* busca desenvolver e promover modelos alternativos de integração entre os povos.

Um dos temas tratados por esse projeto foi “Terra e bens Comuns da Natureza”, numa oficina realizada na Escola Florestan Fernandes⁹ (São Paulo), de 30 de outubro a 05 de novembro de 2006. Nessa oficina foi debatida a deterioração das condições de vida no campo, os conflitos gerados pela questão do acesso à terra (“legal” e “ilegal”), a fraqueza das políticas estatais em relação a esse tema, em relação aos direitos de utilização da terra e aos modelos de agricultura. Com atividades como essa, a UPMS cumpre sua missão de qualificar as lutas existentes, traduzindo nossos valores e princípios em objetivos políticos concretos através de um processo de diálogo/conflito intertranscultural. Além de criar inteligibilidade entre as diferentes culturas é preciso visibilizar o que há de comum entre elas, que é, segundo Duccio Demétrio (1997:40), “o que nos pertence como espécie humana”, isto é, sentimentos, emoções, sonhos, desejos, idéias e vontades.

A **metodologia** deste projeto está centrada no debate, no trabalho de grupo e na participação intensa de todos os envolvidos nas oficinas em todos os momentos do processo, elaborando e trabalhando divergências, conflitos e convergências, semelhanças e identidades, conhecimento mútuo etc. Das lições aprendidas são tiradas estratégias de ação e articulação de lutas. Importante nessa metodologia é o papel da **sistematização**, apoiada sempre nas relatorias dos grupos e dos processos de debate em plenária. Os eixos da sistematização são propostos e pactuados no início de cada oficina. O projeto se constitui numa rede de ação-reflexão-ação. São utilizadas diferentes linguagens e materiais sempre orientados pelos princípios do diálogo. Visitas são feitas para constatar *in loco* o que foi tratado nas oficinas.

A metodologia do projeto *People’s Dialogue* inclui uma visão estratégica da necessidade do mapeamento e da integração regional dos atores envolvidos no processo de transformação social e construção de um novo modelo de desenvolvimento, isto é, de bem viver, “que promova a democracia, a equidade social e econômica e a eliminação da pobreza”.

2. Histórias de mundos possíveis. O Prêmio “Histórias de Mundos Possíveis” foi lançado em setembro de 2005, como iniciativa da UPMS proposta pela UPTER (Universidade Popular de Roma). O projeto se propõe alcançar uma coleção de histórias de experiências de construção, educação, mudança social e práticas alternativas de diferentes âmbitos no campo dos direitos humanos e da democracia. Esses âmbitos incluem: economia solidária, trabalho, habitação, minorias, intercultura, diálogo religioso e político, meio ambiente, saúde, educação, justiça, paz, serviços públicos, participação popular e outros.

O projeto tem como objetivo a criação de um arquivo digital de experiências de mudança social, educação e práticas alternativas, segundo os princípios do FSM. Ele visa a valorizar experiências de mudança social, dar-lhes mais visibilidade e reconhecimento, colocá-las em relação, fazer a memória de um conjunto de histórias reais de lutas e difundi-las mundialmente por meio da Internet. Podem ser tanto textos, quanto fotos, vídeos e outras formas de narrativa.

Nos dias 25 e 26 de maio de 2007 foi realizada, em Roma, uma reunião da UPMS sobre o projeto “História de Mundos Possíveis” que contou com a participação de Andréa Ciantar e Fransceso Scalco (da UPTER), Cecília Rodriguez e Boaventura Souza Santos (Europa), Babacar Diop Buuba (África), Nandita Shah (Ásia), Gina Vargas, Moema Miranda, Pedro Santana e Salete Valezan Camba (América Latina), onde se definiu que deveríamos levar em conta que “buscamos premiar experiências coletivas mesmo que elas sejam narradas por indivíduos” e que devemos assumir a Carta de Princípios do FSM “como um marco de referência político dos

⁹ O objetivo da **Escola Florestan Fernandes** é formar quadros nas áreas de ciências humanas e sociais. Ela foi inaugurada dia 23 de janeiro de 2005 e está situada a 30 quilômetros de São Paulo, no município de Guararema, interior de São Paulo. Começou a ser construída em 1998 (6.200 metros quadrados de área construída, feita na base de terra e cimento compactados, técnicas que o MST defende e difunde). A mão-de-obra da Escola Florestan Fernandes foi constituída por assentados e acampados provenientes de todo o país, por meio das chamadas “brigadas”, baseadas no trabalho cooperativo. Cursos de Agronomia, agroecologia, história e pedagogia e turmas especiais de direito, administração de empresas e assistência sociais são desenvolvidos em parceria com outras Universidades.

trabalhos que queremos que sejam apresentado para o concurso” e que através do prêmio buscamos “estimular a sistematização das experiências de lutas e de trabalhos a partir da experiências diversas dos movimentos e organizações sociais”.

São histórias narradas pelos próprios protagonistas e não narradas e analisados pelos intelectuais das universidades em suas teses. Histórias narradas a partir do ponto de vista, do olhar, dos seus autores. Assim, o exercício da narração acaba sendo também um processo de formação, de aprendizagem, de reflexão e sistematização da própria prática, construindo novo conhecimento. Histórias que são sempre pessoais e coletivas já que não há história sem sujeito. Como dizia Marx, atrás da minha história está toda a história.

O prêmio consiste na publicação e difusão em vários idiomas das melhores práticas e participação em eventos, particularmente nas edições do Fórum Social Mundial. Grupos de trabalho internacionais, de diferentes continentes, estudarão as experiências inscritas com o objetivo de sistematizar metodologias e propor atividades de laboratório e de pesquisa abertos a outros movimentos sociais.

Não existe uma história que é melhor do que outra. Por isso, o prêmio não tem um caráter competitivo e individualista. O prêmio é apenas um instrumento metodológico para a formação e de memória social. Por isso, os próprios participantes participam da escolha das “melhores” práticas, com base na sua própria experiência, através de um fórum *online*. Isso estimula o intercâmbio entre as diferentes histórias, o conhecimento mútuo e a cooperação, o que se constitui numa excelente e novo processo pedagógico-político.

3. Formação de educadores populares. Como atividade da UPMS, o Instituto Paulo Freire iniciou, em 2005, com o apoio da Embaixada da Irlanda, um programa de formação de educadores populares. Esse programa conta com a parceira de diversas universidades. A formação é oferecida a turmas de 30 educadores cada, em 5 pólos de atuação, abrangendo todo o território Nacional. O objetivo é desenvolver ações de formação em nível de especialização, beneficiando educadores advindos dos movimentos sociais e entidades locais, qualificando-os para atuarem na perspectiva freiriana de educação, utilizando-se da metodologia do Círculo de Cultura e o método da tradução cultural.

O projeto viabiliza parcerias que possibilitam a formação continuada, teórico-prática e metodológica, em educação popular para educadores que atuam em movimentos sociais, ONGs, pastorais sociais e outras instituições da sociedade civil. Suas *principais atividades* incluem: articulação entre instituições para a realização das atividades de formação (Universidades, ONGs, Movimentos Sociais, Redes, Instituições Políticas, entre outras); elaboração dos materiais pedagógicos das atividade de formação; elaboração de material e instrumentais de acompanhamento teórico-metodológico das atividades de formação; realização formação teórico-metodológica e acompanhamento teórico-metodológico para a efetivação de intervenções locais e a sistematização da prática.

6. Considerações finais

A UPMS é a emergência de algo novo e necessário ao processo transformador instituído pelo Fórum Social Mundial. As teorias sociais vêm se produzindo principalmente nas Universidades, muitas vezes distantes dos movimentos sociais, distantes do espaço de lutas pela transformação social. Cientistas sociais e intelectuais isolados das novas práticas dos movimentos sociais não têm contribuído de forma significativa para com o avanço nessas lutas e de seus atores. Seus conceitos e teorias se adequam pouco às novas realidades sociais. É preciso romper com a tradição elitista e academicista da investigação social. Ao mesmo tempo em que é preciso atuar para mudar essa tradição no interior da Universidade, é preciso também atuar fora, para que os atores, atrizes e organizações da sociedade civil, os movimentos sociais, produzam sua própria teoria, por eles mesmos, valorizando seus saberes e conhecimentos.

Uma das debilidades do formato do FSM está na dificuldade de se chegar a grandes sínteses e sistematizações. Ele se converteu num poderoso instrumento de conhecimento novo, mas, ao mesmo tempo, não tem possibilitado a sistematização desse conhecimento. A UPMS,

como um espaço entre outros, pode contribuir nesse sentido e ajudar o movimento altermundista. Além dessa contribuição teórica ela, como espaço de intercâmbio e de aprofundamento dos temas e desafios atuais, pode contribuir também para fortalecer novas **alianças** e **parcerias** entre os próprios movimentos que participam da construção do FSM.

Celebramos, em 2008, os 40 anos da *Pedagogia do oprimido*, principal obra de Paulo Freire, uma grande contribuição ao movimento da educação popular. Tanto a expressão “educação popular” quanto a palavra “oprimido” têm andado ausentes na literatura pedagógica atual. A UPMS ao assumir a **educação popular** como seu paradigma, renovando-o e contextualizando-o, pode resgatar o caráter alternativo, participativo, alterativo e contestatório dos primórdios desse paradigma.

- Onde podemos inovar, renovar e reinventar a educação popular?

- Penso que devemos reafirmar os princípios e valores da educação popular e inovar nas temáticas, conteúdos, prioridades e enfoques. Não podemos nos ater apenas aos debates em torno do método. Boaventura tem insistido, com razão, para prestarmos mais atenção às temáticas emergentes hoje e aos novos desafios da inserção do popular no público, da educação cidadã, da intertematicidade. Tomemos, por exemplo o tema indígena, que ressurgue com energia renovada na América Latina, inclusive por conta dos novos espaços de democracia conquistados, trazendo consigo o paradigma do “bem viver”, como modelo de desenvolvimento humano, justo, eqüitativo e respeitoso do meio ambiente. A UPMS tem muito a aprender contribuindo nesse processo de reconquista da territorialidade, da (pluri)nacionalidade, da cidadania e do bem estar dos povos indígenas.

Muitas das antigas temáticas continuam absolutamente válidas: não abrimos mão dos direitos humanos, da eqüidade de gênero e de raça, da luta ambiental, da etnicidade etc. Muitos dos antigos debates têm presença garantida hoje, como saber se devemos lutar por alternativas no interior do capitalismo ou investir em alternativas anti-capitalistas e pós-capitalistas. O que podemos fazer, ainda, é dar um novo enfoque a todos esses temas, para que sejam tratados intertematicamente, intertransdisciplinarmente e intertransculturalmente.

Podemos inovar também promovendo novas formas de comunicação, como os debates virtuais. Não fomos ainda muito longe no uso das novas tecnologias, como não fomos ainda muito longe na questão da sistematização de experiências e na política de alianças. O campo está aberto à nossa imaginação. Como dizia Einstein, “a imaginação é mais importante do que o conhecimento”. Eu, modestamente, acrescentaria a Einstein... “sobretudo quando ela se prolonga na práxis”.

BIBLIOGRAFIA

- Abong, 2004. *O papel da sociedade civil nas novas pautas políticas*. São Paulo, Peirópolis/Abong.
- Coep, 2008. *Das ruas às redes: 15 anos de mobilização social na luta contra a fome e a pobreza*. Rio de Janeiro: COEP.
- Demétrio, Duccio, 1997. *Agenda interculturale*. Roma: Maltemi.
- Fleuri, Reinaldo Matias, org, 1998. *Intercultura e movimentos sociais*. Florianópolis: MOVER/NUP.
- Freire, Paulo e Antonio Faundez, 1985. *Por uma pedagogia da pergunta*. São Paulo: Paz e Terra.
- Freire, Paulo, 1967. *Educação como prática da liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- Freire, Paulo, 1977. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra (primeira edição de 1970).
- Freire, Paulo, 1981. *Educação e mudança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- Freire, Paulo, 1992. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra.

- Freire, Paulo, 1997. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- Gohn, Maria da Glória, 1997. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo, Loyola.
- Gohn, Maria da Glória, 2008. *Maria da Glória Gohn. Novas teorias dos movimentos sociais*. São Paulo: Loyola.
- Holway, John, 2003. *Mudar o mundo sem tomar o poder*. São Paulo, Viramundo.
- Mance, Euclides André, 1999. *A revolução das redes: a colaboração como alternativa pós-capitalista à globalização atual*. Petrópolis, Vozes.
- Marx, Karl, 1980. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 6 volumes.
- Negri, Antonio e Michael Hardt, 2004. *Multitude: war and democracy in de age of empire*. London, Penguin Press.
- Nelkin, Dorothy e Michael Pollak, 1981. *The Atom Besieged: Extraparliamentary Dissent in France and Germany*. New York, MIT Press.
- Oliveira, Inês Barbosa de, 2006. *Boaventura & a educação*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Padilha, Paulo Roberto, 2004. *Currículo intertranscultural: novos itinerários para a educação*. São Paulo, Cortez/IPF.
- Padilha, Paulo Roberto, 2007. *Educar em todos os cantos: reflexões e canções por uma educação intertranscultural*. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire.
- Ribeiro, Darcy, 1975. *A universidade necessária*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- Santos, Boaventura de Souza, 1996. "Para uma pedagogia do conflito". In: SILVA, Luiz Heron, Jose Clovis de Azevedo e Edmilson dos Santos, orgs. 1996. *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais*. Porto Alegre: Sulina (pp. 15-33).
- Santos, Boaventura Souza, 2000. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura Souza, 2004. "O futuro do Fórum Social Mundial: o trabalho da tradução". In: *Revista del Observatorio Social de America Latina*. Ano V, no. 15, setembro-dezembro de 2004, pp. 77-90. Buenos Aires: Clacso.
- Santos, Boaventura Souza, 2004a. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. São Paulo, Cortez.
- Santos, Boaventura Souza, 2005. *O Fórum Social Mundial: manual de uso*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Boaventura Souza, 2006. *Renovar la teoría crítica y reinventar la emancipación social: encuentros em Buenos Aires*. Buenos Aires: Clacso.
- Santos, Boaventura Souza, 2007. *Por uma revolução democrática da justiça*. São Paulo: Cortez.
- Santos, Milton, 2000. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo, Record.
- Sartre, Jean-Paul. "Questão do método". In: Sartre e Heidegger, *Os pensadores*, São Paulo, Abril Cultural, 1973, pp. 115-197.
- Scherer-Warren, Ilse, 1993. *Redes de movimentos sociais*. São Paulo, Loyola.
- Schwartz ,Gilson, 2005. "Emancipação digital e redes de conhecimento". In: *Folha de S. Paulo*, 15 de dezembro de 2005, p. 3.
- Teivainen, Teivo, 2003. *Pedagogía del poder mundial: relaciones internacionales y lecciones del desarrollo em América Latina*. Lima: Cedepe.
- Torres, Carlos Alberto, Maria Del Pilar O'Cadiz e Pia Lindquist Wong, 2002. *Educação e democracia: a práxis de Paulo Freire em São Paulo*. São Paulo, IPF/Cortez.
- Touraine, Alain, 2006. *Um novo paradigma: para compreender o mundo de hoje*. Petrópolis: Vozes.
- Villasante, Tomás R., 2002. *Redes e alternativas: estratégias e estilos criativos na complexidade social*. Petrópolis, Vozes.